

A SUBJETIVIDADE NO DISCURSO NOSTÁLGICO: UM ESTUDO DE CASO

CRISTIANE DE OLIVEIRA EUGENIO*

Universidade de Passo Fundo (UPF), Programa de Pós-Graduação em Letras, Passo Fundo, RS, Brasil.


Recebido em: 3 abr. 2018. Aprovado em: 8 jun. 2018.

Como citar este artigo: EUGENIO, C. O. A subjetividade no discurso nostálgico: um estudo de caso. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 148-165, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p148-165

Resumo

Por meio da análise, à luz da teoria enunciativa (BENVENISTE, 2005, 2006a; 2006b), de um discurso oral transcrito, objetiva-se investigar, utilizando um estudo de caso em um *corpus* de língua falada, de que maneira o sujeito (mulher, 80 anos) objeto de análise projetou-se como “eu” usando a língua para construir a subjetividade. Além disso, observaram-se as marcas deixadas em seu discurso que poderiam configurar sua enunciação como um relato nostálgico (JANKÉLÉVITCH, 2011). Desse modo, foi possível perceber que ao descrever acontecimentos por meio de um “eu” que dizia “eu”, a locutora instaurava a

* E-mail: cris.e.prenda@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4954-3316>

subjetividade em seu discurso. Além disso, também se pode confirmar a presença de uma nostalgia “feliz” nas histórias do passado as quais recontava, uma vez que estas não demonstravam melancolia, e sim uma idealização de um passado próspero saudoso em relação ao presente.

Palavras-chave

Subjetividade. Enunciação. Nostalgia.

INTRODUÇÃO

Analisar o discurso do outro por meio de sua fala é sempre um processo que exige, além de rigor metodológico, por meio de um viés de estudo delimitado e objetivos claros, a consideração desse discurso em sua perspectiva subjetiva. Ao falar de si, instituindo-se como sujeito (rastros deixados pelo locutor em seu discurso), o outrora locutor coloca-se na linguagem e, por meio de seu uso, mobiliza características axiológicas de sua constituição, como aquele que interage com o outro, mesmo que esse “tu” seja ele próprio projetado em um passado distante, reconstruído pelo véu do presente nostálgico.

Com este artigo, buscamos compreender de que maneira o “eu” – instituído na enunciação pelo sujeito que relembra fatos e histórias do seu passado por meio do diálogo que estabelece com o outro – projeta sua subjetividade no discurso, construindo sua fala de maneira nostálgica. Se o faz, que marcas em seu discurso contribuem para causar, a partir do ponto de vista deste sujeito subjetivo, esse efeito de imbricação entre a dimensão privada de suas memórias com a reconstrução da realidade instaurada em um polo oposto em relação ao sentimento de irreversibilidade do tempo perdido.

Dessa forma, para analisarmos nosso *corpus* de pesquisa – texto de discurso oral coletado por meio de inquérito organizado por tópicos norteadores –, nos valeremos dos aportes teóricos de Benveniste (2005, 2006a; 2006b) e Jankélévitch (2011). A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista, com questões topicalizadas, o que caracteriza nosso objeto de pesquisa como um *corpus* de língua falada, ainda que não analisemos aspectos como vogais alongadas, repetições, tomada de turno e progressões tópicas, por exemplo. Outrossim, devemos levar em consideração que o sujeito de nossa pesquisa, mulher de 80 anos, tem parentesco com o entrevistador (nossa hipótese é que

esse fato a motive a reconstruir a realidade) e, além disso, demonstra predileção em contar histórias do passado, tendo muito gosto por dialogar (o que, possivelmente, renderá muitos minutos de gravação de áudio).

A técnica de registro utilizada para a coleta de dados foi a gravação pelo telefone celular, que, além de criar um ambiente mais informal, é uma tecnologia confiável e de fácil manuseio. O referido estudo, por se tratar de uma pesquisa qualitativa que prevê uma análise minuciosa de determinado fenômeno dentro de seu contexto, objetiva – conforme teorização de Prodanov e Freitas (2013, p. 60) ao descrever os procedimentos técnicos de pesquisa –

[...] coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa,

caracterizando-se, portanto, como um estudo de caso.

A fim de organizarmos este estudo, dividimos a pesquisa em duas seções teóricas e uma de análise do *corpus*. O primeiro tópico discutido foi intitulado “Na/pela linguagem: breve revisão de enunciação-sujeito-subjetividade” e tem por objetivo retomar, sob o viés teórico-metodológico benvenistiano, o processo pelo qual o locutor projeta-se na língua tornando-se sujeito e construindo subjetividade enunciativa em seu discurso. Como segunda instância de análise, o tópico “A dor de casa: nostalgia e o retorno impossível” discutirá alguns conceitos sobre a linha tênue existente entre distância/sentimento, teorizando o conceito de nostalgia e sua implicação acerca do falar sobre o passado. Trazendo o objeto de análise, a última seção, “‘Quando a gente era menina’: a projeção do sujeito e da nostalgia no discurso”, busca estabelecer relação entre os conceitos estudados por meio da análise da fala do sujeito de nossa pesquisa.

NA/PELA LINGUAGEM: BREVE REVISÃO DE ENUNCIÇÃO-SUJEITO-SUBJETIVIDADE

*“Um homem falando que encontramos no mundo,
um homem falando com outro homem”.*
Émile Benveniste

Para falarmos no sujeito projetado no discurso, é preciso olhar para as noções de subjetividade e intersubjetividade bebendo em textos benvenistianos que

dão corpo ao par “eu” e “tu”. Para tanto, iremos nos valer de textos fundamentais como “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Vista d’olhos sob o desenvolvimento da linguística” (1963), “A natureza dos pronomes” (1956), “Estruturalismo e linguística” (1968) e “O aparelho formal da enunciação” (1970), atentando para a necessidade da leitura não linear da obra de Benveniste (2005; 2006a; 2006b), pois, como afirma Flores (2013, p. 21): “Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudá-la implica fazer recortes [...]”.

Em um primeiro momento, é mister que consideremos que “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro” (BENVENISTE, 2005c, p. 27), isto é, para que se estabeleça diálogo, há que se considerar que o locutor, quando instituído pessoa do discurso, sempre se refira ao outro.

Além disso, conforme Benveniste (2005b, p. 286, o “eu” e o “tu” são instalados no enunciado, chamados de enunciadador e enunciatário, sendo que

[...] cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como “eu” do discurso. Por isso, “eu” propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e me diz tu.

Dessa forma, para analisarmos nosso *corpus* de pesquisa – texto de discurso oral coletado por meio de inquérito organizado por tópicos norteadores –, devemos levar em consideração que

É também a massa dos escritos que reproduzem discursos orais ou que lhes tomam emprestados a construção e os fins: correspondências, memórias, teatro, obras didáticas, enfim todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa (BENVENISTE, 2005d, p. 267).

Essa constatação nos remete ao axioma de base do que se convencionou chamar de teoria enunciativa de Benveniste, a qual diz que o homem está na língua/linguagem, o que faz da linguagem/língua a condição *sine qua non* da existência do homem e vice-versa. Dessa forma, à medida que o homem fala, ele passa a existir, e é um homem falando com outro que, para Benveniste, encontramos no mundo; portanto, as marcas da presença do homem na língua constituem sua subjetividade, uma vez que a linguagem – que não é instrumento e sim constitutiva do homem –, por sua vez intersubjetiva, é capaz de constituir o homem e o propor como sujeito, ou seja,

[...] independentemente de para onde se olhe, a linguagem, entendida como intersubjetividade, é condição para que o homem exista. Opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza (FLORES, 2013, p. 43).

Assim, a partir do momento em que o falante, então apenas locutor, consegue identificar-se como sujeito da enunciação, projetando as marcas de sua subjetividade no discurso, ele se constitui na/pela linguagem. Torna-se, destarte, o efeito do traço que esta e aquela, já que

[...] a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas a sua expressão, e o discurso provoca a emergência da subjetividade (BENVENISTE, 2005b, p. 289).

Dessa forma, o discurso, em sua condição subjetiva, a enunciação, é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006a, p. 82). E, por possibilitar a conversão individual da língua em discurso, sendo este, portanto, produto da língua, nos apresenta sua noção central, ou seja, o ato que o locutor executa, tornando-se sujeito do processo. Logo, Benveniste define enunciação em “Da subjetividade na linguagem” como o próprio ato:

Dizendo *je promets, je garantis*, prometo e garanto efetivamente. As consequências (sociais, jurídicas etc.) do meu juramento, da minha promessa se desenrolam a partir da instância de discurso que contém *je jure, je promets* (BENVENISTE, 2005b, p. 292).

Ainda em relação ao emprego do “eu/tu”, Benveniste (2005a, p. 281) lembra que este “tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra”. Assim, pensando em uma situação de discurso, cada enunciação será única, uma vez que as condições de *pessoa-espaco-tempo* não irão se repetir, já que, como afirma Benveniste (2006b, p. 18): “Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção”, o que corrobora a afirmação de que a língua é um ato individual de utilização, já que, ainda sob o viés benvenistiano, ela é reiventada todos os dias, a cada dia de uma maneira nova e distintiva. Assim sendo, a cada nova enunciação, vemos constituir-se um novo sujeito, *cf. supra*, não o instrumento, mas sim o efeito da enunciação, a imbricação entre o estar constituindo a linguagem e por ela ser constituído.

Diante do exposto, sintetizamos pois que a noção de subjetividade se constrói por meio do diálogo, uma vez que implica o outro, numa relação em que cada locutor, por sua vez, se propõe como sujeito quando se institui no

discurso como um “eu” que projeta o “outro” e projeta-se no outro como seu eco. Esse “outro”, por sua vez, também irá posicionar-se na condição de “eu” por meio da utilização individual do ato de linguagem. Em *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste (2006a, p. 84, grifo do autor) afirmou que

[...] desde que se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação [...].

Assim, a subjetividade não está na linguagem, mas é por ela constituída, e manifestar-se-á no momento em que o locutor se apropriar da língua para propor-se como sujeito, promovendo a sua existência e a existência do outro, e, conseqüentemente, falando de algo em um recorte *pessoa-espaço-tempo*, uma vez que “[...] O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da reação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006a, p. 87, grifos do autor).

Sabedores da projeção desse sujeito que implanta o outro diante de si, analisaremos na seção que segue a noção de nostalgia, e quanto dela está implicada no discurso que tenha um recorte temporal apenas direcionado ao passado, observando e recontando o passado do ponto de vista do presente nostálgico.

A DOR DE CASA: NOSTALGIA E O RETORNO IMPOSSÍVEL

*“A nostalgia é ao mesmo tempo aqui e lá,
nem aqui e nem lá, presente e ausente.”
Vladimir Jankélévitch*

Surgida em 1688, a palavra “nostalgia” objetivou descrever uma doença que acometia soldados, que, estando longe de casa, começavam a sentir dores e morriam. No século XVII, na defesa de sua tese, Johannes Hofer, por meio da fusão entre *nóstos* (viagem) + *álgos* (dor), procurou conceituar a causa moral de uma doença física, ou seja, a dor do regresso impossível (informação verbal)¹.

¹ Conforme notas da aula do dia 4 de outubro, ministrada pelo Professor Dr. Roberto Vecchi – Universidade de Bolonha/Itália, na ocasião do Seminário Especial ofertado ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Práticas e Política da Nostalgia Colonial, que ocorreu na Universidade de Passo Fundo (UPF), paralelamente à Jornada Nacional de Literatura e ao Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura, Literatura e Linguagens – Novas Topografias Textuais.

Conforme Vladimir Jankélévitch² (2011), nostalgia é uma algia (dor) que está, embora muitos os desconsiderem, permeada de motivos inerentes à condição em que o sujeito se encontra, portanto, distante de serem considerados indeterminados, e ainda, como afirma Jankélévitch (2011, p. 352, tradução nossa), a nostalgia é irracional “no sentido de ser desproporcional em relação às suas causas”. Esse fator nos leva a considerar que a nostalgia é a consequência de fatores que a determinam, ou seja, a consequência de um conjunto de elementos, os quais poderão projetar-se como a causa de determinados comportamentos e *a priori* de enfermidades projetadas no real, como a melancolia e a depressão.

Como uma ausência específica, podendo ser nominada como “mal do país” (JANKÉLÉVITCH, 2011, p. 340, tradução nossa), a nostalgia, dessa forma, constituiria um espaço nostálgico, isto é, uma

[...] topografia mística da qual a única toponímia, por sua força de evocação, coloca já em movimento o trabalho da reminiscência e da imaginação. [...] para todos os homens é a cidade natal, aquela na qual a fumaça, à sombra do campanário, brota da chaminé da casa materna [...] (JANKÉLÉVITCH, 2011, p. 341, tradução nossa).

Em 1978, Eduardo Lourenço publica *O labirinto da saudade*, um ícone da identidade portuguesa que associa saudade ao conceito de nostalgia, relacionado a um país [Portugal], cuja cultura se baseia na imaginação, tão fértil e tão antiga que não se pode pensar na sua história sem pensar nos mitos que a constituem; entre eles, o da dualidade permanente, ou seja, embora sendo um país periférico – debilidade ôntica –, imagina-se com uma grandeza maior do que o real – força ontológica (informação verbal)³.

Sendo assim, a nostalgia é uma melancolia humana tornada possível pela consciência, que é a consciência de alguma outra coisa, consciência de um outro lugar, consciência de um contraste entre passado e presente, entre presente e futuro [...] – no caso de Portugal, a consciência das colônias perdidas, aliada ao desejo e a uma falsa ilusão de ainda ser um expoente em relação aos demais países da Europa – mergulhando Portugal em uma forte crise contemporânea identitária, a qual Paul Gilroy, na obra *After empire* (2004), chamou de “nostalgia colonial” (informação verbal)⁴.

2 Texto original em língua francesa. As traduções são de nossa autoria e responsabilidade.

3 Conforme notas das aulas do Professor Dr. Roberto Vecchi, *passim*.

4 Conforme notas das aulas do Professor Dr. Roberto Vecchi, *passim*.

Portanto, o verdadeiro objeto da nostalgia não é a ausência por oposição à presença, mas o passado em relação ao presente; o verdadeiro remédio para a nostalgia não é o retorno para trás no espaço, mas o retroagir em direção ao passado no tempo. (JANKÉLEVITCH, 2011, p. 368). Diante dessa premissa, instaura-se o problema/algia, uma vez que há como retroceder no espaço físico, por exemplo, e retornar à cidade natal e/ou rever amigos e familiares, mas é impossível retroceder no tempo, voltar à infância, por exemplo, ratificando assim as observações de Jankélévitch (2011, p. 371), que corroboram a ideia de que “um nostos sem algia é decididamente uma quimera”.

Em síntese, a tentativa de regressar implicada no sentimento de nostalgia não acaba com a dor, aflição ou melancolia, pois ela representa outra viagem. Esta, por sua vez, falhada, marcada por um erro infinito, ou seja, a nostalgia se finda em algo de trágico, de impossível, que é a expectativa do retorno, e, quando esse fracassa, dá lugar à melancolia – termo diretamente implicado à nostalgia e à saudade, representando o “trinômio da perda”⁵.

Dizer, escrever ou pensar o passado é sempre um modo de citá-lo. A questão problemática surge quando não se pode enterrar o ausente, sobrando a melancolia, a qual se apresenta como algo negativo, pois não trabalha com a perda; diferentemente da saudade que, conforme Eduardo Lourenço (informação verbal)⁶, trata-se de uma melancolia feliz, isto é, uma ficcionalização do passado. O trinômio da perda, *cf. supra*, tem total relação do sujeito com o campo da memória, uma vez que, ao passo que a nostalgia é o desejo de retorno ao passado, a saudade o reinventa e a melancolia o revive de forma dolorosa.

Dessa forma, levando em conta que pensar o passado é um modo de citá-lo, observaremos na sequência quanto deste olhar retrocesso no tempo está presente no enunciado do sujeito de nossa pesquisa, observando, por meio das marcas deixadas em seu discurso, quanto de saudade, nostalgia e melancolia se mesclam na reconstituição de acontecimentos de outrora.

“QUANDO A GENTE ERA MENINA”: A PROJEÇÃO DO SUJEITO E DA NOSTALGIA NO DISCURSO

Para Benveniste (2006a), é por meio da sua subjetividade que o locutor se propõe como sujeito de seu discurso, projetando em sua enunciação o outro e

5 Termo cunhado pelo Professor Dr. Roberto Vecchi, na ocasião do Seminário Especial.

6 Autor de *Mitologia da saudade, seguido de Portugal como destino*. Livro e conteúdo citados pelo Professor Dr. Roberto Vecchi.

o conteúdo de sua fala – sempre novo em virtude da configuração *pessoa-espaço-tempo*. Além disso, quando fala, sempre se fala de, ou seja, há sempre um norteador de toda enunciação, sempre nova e distintiva.

Assim, por meio da transcrição⁷ do enunciado produzido por nosso sujeito da análise quando questionado sobre sua infância, observamos a projeção do “eu” no discurso, transformando-o em enunciado, bem como a relação subjetiva que nasceu desse processo. Também atentamos para quanto a distância nostálgica é capaz de interferir no enunciado, e quanto o passado pode ainda estar na enunciação do presente. Para tanto, seguiremos com a apresentação do *corpus* de nossa pesquisa.

A priori, é necessário destacar que até o momento da gravação o entrevistador, doravante chamado de *documentadora*, e a senhora, sujeito de nossa pesquisa – doravante chamada de *informante* –, tratavam da doença do filho mais novo da informante e de como, segundo ela, ele estava conseguindo melhorar sua saúde por meio de uma alimentação adequada com chá verde, pão de centeio, batata doce assada e mel. A seguir podemos observar, por meio da transcrição da conversa, o momento em que o documentador interfere fazendo uma pergunta, tentando introduzir o tópico da conversação:

Quadro 1 – Instância de discurso 1/ introdução

Linha	Participante	Fala ⁸
01	Doc.	É que:: quando era... era a gente era pequena né... no interior... só o remédio era o mel né?!
02	Inf.	O mel... e::a::...e nós é só chimia...só...tem chimia de abóbora...tem chimia de pêsego...tem chimia... de figo lá:: que estraga...no fim eu tenho que pegar e botar fora que fica muito velho
03	Doc.	[pois é]

(continua)

- 7 Em virtude dos objetivos deste artigo, a transcrição dará conta apenas dos aspectos relativos ao sujeito, subjetividade e nostalgia, não se detendo em analisar a ocorrência de elementos como vogais alongadas, repetições, tomada de turno etc. Marcuschi (2010) foi o suporte teórico utilizado para essa retextualização.
- 8 Alguns sinais utilizados na transcrição, conforme o Projeto Norma Urbana Culta (Nurc): reticências (...) indicam pausas; dois pontos (:) indicam alongamento de vogais, sublinhados () elevação no tom de voz, barra (/) indica truncamento de sílaba, a letra “x” entre parênteses para palavra incompreensível e parênteses duplo [(())] indicam descrição de expressões corporais.

Quadro 1 – Instância de discurso 1/ introdução (conclusão)

Linha	Participante	Fala ⁸
04	Inf.	Só o mel...o mel eu compro um vidro por semana...cada vez que eu vou lá:: buscar pão...eu pego um vidro de mel e uma caixa de camomila...porque é:: enjoado pra tomar e eu colhi...na horta...mas não...não...não...não tem pó...e a outra é no saquinho...daí eu pego e boto na térmica... ali... e ferve a água [soluços] e boto na térmica e tomo

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebendo que a informante continuava falando sobre seu filho e acerca da alimentação que preparava para ele, a documentadora introduz mais um tópico:

Quadro 2 – Instância de discurso 2/tópico 2

Linha	Participante	Fala
05	Doc.	E quando vocês eram menina... o que que era a chimia de vocês em casa?
06	Inf.	Hã:?
07	Doc.	Quando vocês eram menina... o que que era a chimia de vocês em casa?
08	Inf.	Quando a gente era menina:: era de:: abóbora... de pêsego... de::...tudo que era fruta assim..o que tivesse em casa...a gente fazia...chimia...e:: o me::!...o mel...papai plan/tirava...tirava cinquenta caixa... cada tirada...ele tinha abelha (xx) de assim... nos andaime...cria em casa...mas também era só ele...Deus o livre fosse outro estranho lá::... picava...ele não... ele só botava a máscara... e: uma luva e ia lá:: e tirava...tinha uns gamelão assim ((mostra o tamanho com a mão))... tudo pra:: e a:: máquina de:: de:: cortar carne...tirava a navalha e ali nós espremia o mel
09	Doc.	[hum]
10	Inf.	Botava na máquina os favo e ia... já saía lá:: coadinho...lá embaixo...só deixava o coador... ali...e a::tirava cinquenta lata por tirada...de mel...e...da/açucarado...vendia d/horror de mel...e can/...e melado de cana...nós fazia...hã...fazia co::m...ensinemo um boi...a::...chegava uma altura ele (xx) voltava (xx)...tinha um vizinho que lá que emprestava o moinho pra nós...fazia...fervia... ali...chimia de torresmo...hoje em dia vai comer...va::i comer
11	Doc.	Ninguém quer né? (risos)

(continua)

Quadro 2 – Instância de discurso 2/tópico 2 (continuação)

Linha	Participante	Fala
12	Inf.	Hã? Ma::s faz mal! A chimia de torresmo a gente moía o torresmo na máquina... na máquina de cortar carne e...a...e... salgava ele e tudo... e a banha não era em lata...era nas barrica... de madeira...tinha aquelas barrica...grande (xx) e botava ali...nas barrica...i:::h...o quanto que essa gente rica... iam comprar as coisas lá em casa...o qua::nto...era ovo...era galinha...era mel...era:: carne de porco...tudo... torresmo... fazia salame... de::: daí quando ele::s...eles car/se combinavam uns quantos vizinhos... carneavam a vaca... e emprestavam pra::: uma meta:de ou uma pale:eta...ou um quarto pra fazer salame...daí quando terminava da/do vizinho... carneava pra pagar...e assim...daí fazia assim... nunca tava sem carne e sempre fazia salame... porque...e os ossos eles pegavam e serravam tudo com a serrinha e::: davam uma fervida...botavam numa panela e botavam banha em cima... quando chegavam da roça... destampava aquela banha ali... esquentava...tava novinha...
13	Doc.	[hum]
14	Inf.	Nunca/não estragava... e a:::carne...fazia:::e secava o:: salame co::m sabugo...com a fumaça de sabugo...porq/de medo que a lenha fosse qualquer u::ma lenha que não fosse boa...daí secava com fumaça de sabugo...tinha uma cozinha velha bem grand/ladreada de pedra...daí:: ali a gente/o forno era dentro de casa... era o fo::rno...ali já tinha lenha...ninguém fazia no:: é só no forno... era de sábado...como é que não/hoje em dia vai deixar oito dia o pã::o mofa
15	Doc.	(risos da documentadora em concordância com a informante)
16	Inf.	Mo::fa! E de primeiro... a gente fazia broto... fazia pão... fazia biscoito... fazia bolacha... fazia rosquinha de polvilho porque a gente fazia polvilho em casa... até fa::/a coruja que diziam
17	Doc.	Uhum
18	Inf.	De farinha de mandioca... bem fininha a farinha torrada...e fazia misturava farinha de milho...ma::s ficava bem boa... aquilo só com ovo...com nata... mas ficava que:::e os forno tudo dentro de casa... e hoje em di:a... vá::: fazer isso... pã/a/arruina...é...a geladeira... naquele tempo não tinha luz...só liquinho...que a gente gastava bastante era querosene...a/puxa::r. da la:ta com a::: uma bomba... p/(xx)...nós tinha três liquinho...eles tria::va::m mantimento de noite...tinha um galpãozão bem grande na roça...ã::por/colhia de dia e de noite daí (xxx) depois que eu era casada já...que daí tinha um irmão do [apelido do esposo] que tinha triadeira... daí e:le:::nós tinha um galpão bem grande...daí ele... ele triava de dia pra ele... e de noite ele emprestava a triadeira e ia descansar

(continua)

Quadro 2 – Instância de discurso 2/tópico 2 (conclusão)

Linha	Participante	Fala
19	Doc.	[que tal!]
20	Inf.	Pra nós triar...galpão coberto de capim... mas aquilo era um baita veio de galpão ...entrava um caminhão por baixo...nós era sócio da cooperativa de Soledade ⁹ (...)

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar, mesmo que utilize como sujeito de seus enunciados, na maioria das vezes, o pronome pessoal plural “e ali nós espremia o mel” (l. 08), “nós tinha” (l. 18), “nós fazia” (l. 10), “Quando a gente era menina [...] a gente fazia... chimia” (l. 02), por exemplo, o sujeito projeta-se no seu discurso, pois se instaura como sujeito das ações e projeta o outro. Para Benveniste (2005b, p. 288): “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem”, estando o “eu” contido no exercício da língua, tornando outros pronomes dependentes deste mesmo *status*.

Essas palavras correlacionadas à instauração do “eu” são chamadas por Benveniste (2005b, p. 288) de indicadores de *deíxis*, entre elas, demonstrativos, advérbios e adjetivos, muito encontrados na construção do discurso em análise: “tinha aquelas barrica” (l. 12), “destampava aquela banha ali” (l. 12), “aquilo era um baita veio de galpão” (l. 20), “naquele tempo não tinha luz” (l. 18), entre outros.

É fato, portanto, que o “eu” se enuncia no discurso, por meio do relato de suas vivências, retomando suas memórias como sujeito presente de todas as ações. Podemos constatar, corroborado em Benveniste (2005b, p. 288), que “não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo”.

Para mais, podemos assegurar que, ao passo que descreve o processo de produção do mel ou a conservação da carne por meio da produção de salame (l. 08, 10, 12, 14), também implanta o “outro” diante de si, uma vez que atribui a esse interlocutor o pressuposto desconhecimento do processo e a necessidade de conhecê-lo para seguir compreendendo o discurso enunciado.

⁹ O inquérito é encerrado com este recorte, entretanto, a Informante segue relatando sobre os procedimentos que eram necessários para a comercialização com a cooperativa.

Igualmente, a projeção do “tu” pelo “eu” em seu discurso pode ser constatada no cuidado que a informante demonstra em responder à pergunta realizada pela documentadora. Essa condição de estar presente na linguagem como “eu” pressupondo o “outro” reforça o caráter intersubjetivo da relação homem/linguagem, já que, para Benveniste, *cf. supra*, é um homem falando, um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. Logo, observamos que mesmo ao adjetivar ricamente as atividades realizadas pela sua família – “a gente/nós” –, a informante retoma o tópico da pergunta, satisfazendo o que havia sido questionado pela documentadora, como demonstram os fragmentos destacados abaixo:

Quadro 3 – Análise/retomada Quadro 2

Linha	Participante	Fala
07	Doc.	Quando vocês eram menina... o que que era a chimia de vocês em casa?
08	Inf.	Quando a gente era menina:: era de:: abóbora... de pêssego... de::...tudo que era fruta assim..o que tivesse em casa...a gente fazia...chimia...e:: o me::l...o mel...[...]
09	Doc.	[hum]
10	Inf.	Botava na máquina os favo [...] e melado de cana...nós fazia [...] fervia...ali...chimia de torresmo...[...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Não obstante, no que diz respeito à possibilidade de a informante citar o passado de maneira nostálgica, verificamos que ao recontar os fatos vividos, em diversos momentos ela o compara com o presente, exaltando-os, como podemos observar nos fragmentos selecionados, sem parecer melancólica. Ao iniciar seu relato, a informante descreve a variedade de frutas disponíveis e a facilidade que se tinha para obter a “chimia”. Também relata o comportamento da abelha, animal que pode ser agressivo e perigoso; entretanto, segundo ela, apenas com os estranhos, nunca com seu pai, dando a entender que os insetos o reconheciam. Isso demonstra uma possível reinvenção do passado, característica da saudade retratada por Eduardo Lourenço.

Quadro 4 – Análise/retomada Quadro 2

Linha	Participante	Fala
08	Inf.	Quando a gente era menina:: era de:: abóbora... de pêssego... de::...tudo que era fruta assim..o que tivesse em casa...[...] ele tinha abelha (xx) de assim...nos andaime...cria em casa...mas também era só ele...Deus o livre fosse outro estranho lá::... picava...ele não... ele só botava a máscara... e: uma luva e ia lá [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

O mesmo, fatura e idealização dos animais, pode ser observado na descrição da coleta do mel e na produção do melado:

Quadro 5 – Análise/retomada Quadro 2

Linha	Participante	Fala
10	Inf.	[...] tirava cinquenta lata por tirada...de mel...e...da/açucarado... vendia d/horror de mel...e can/...e melado de cana...nós fazia...hã...fazia co::m...ensinemo um boi...a::...chegava uma altura ele (xx) voltava (xx) [...]

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse reinventar o passado por meio de uma espécie de melancolia feliz também pode ser analisado quando compara o que se tinha no passado em relação ao presente. Conforme o que relata, a informante acredita que no passado os produtos/alimentos tinham mais qualidade do que hoje em dia – mesmo sem energia elétrica, como ela observa, embora em nenhum momento demonstre tristeza ou melancolia ao trazer esses relatos. Também reforça a prosperidade que se tinha, repetindo muitas vezes, por exemplo, o tamanho do galpão da época, finalizando com a informação de serem associados à cooperativa de um município vizinho:

Quadro 6 – Análise/retomada Quadro 2

Linha	Participante	Fala
11	Doc.	Ninguém quer né? (risos)
12	Inf.	Hã? Ma::s faz mal! [...] o quanto que essa gente rica... iam comprar as coisas lá em casa...o qua::nto...era ovo...era galinha... era mel...era:: carne de porco...tudo... torresmo... fazia salame... [...] nunca tava sem carne e sempre fazia salame...[...]

(continua)

Quadro 6 – Análise/retomada Quadro 2 (conclusão)

Linha	Participante	Fala
14	Inf.	Nunca/não estragava... [...] tinha uma cozinha velha bem grand/ladreada de pedra...[...] como é que não/hoje em dia vai deixar oito dia o pã::o mofa
16	Inf.	Mo::fa! E de primeiro... a gente fazia broto... fazia pão... fazia biscoito... fazia bolacha... fazia rosquinha de polvilho [...]
18	Inf.	[...] ma::s ficava bem boa... aquilo só com ovo...com nata... mas ficava que::...e os forno tudo dentro de casa... e hoje em di:a... vá::... fazer isso... pã/a/arruína [...] tinha um galpãozão bem grande na roça...[...] nós tinha um galpão bem grande [...]
20	Inf.	[...] galpão coberto de capim... mas aquilo era um baita veio de galpão ...entrava um caminhão por baixo...nós era sócio da cooperativa de Soledade (...)

Fonte: Elaborado pela autora.

Todas essas características observadas no relato da informante confirmam a hipótese do discurso nostálgico. Em virtude de a informante observar e recontar o passado do ponto de vista do presente nostálgico, relacionamos o recorte *pessoa-espaco-tempo* que ela projeta com o conceito trazido por Eduardo Lourenço em *O labirinto da saudade*, quando diz da imaginação fértil e antiga da cultura portuguesa e do quão relacionada aos mitos que a constituem está, bem como o conteúdo do relato de nossa informante.

Para Jankélévitch (2011, p. 368), o verdadeiro objeto da nostalgia não é a ausência por oposição à presença, mas o passado em relação ao presente; o verdadeiro remédio para a nostalgia não é o retorno para trás no espaço, mas o retroagir em direção ao passado no tempo. Essa característica que dá corpo ao objeto da nostalgia também se pode aferir em relação ao discurso ora analisado, já que a informante não fala de um lugar específico, nem de rever pessoas de seu passado, apenas recorta, estimulada pela documentadora, uma determinada época de sua juventude, comparando-a com o presente.

Sendo assim, o *corpus* de nossa pesquisa apresenta relação com o trinômio da perda, *cf. supra*, pois por meio do relato consciente, o sujeito acessa o campo da memória e a reinventa, não através da nostalgia melancólica, mas de uma melancolia feliz, a saudade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões trazidas, podemos afirmar que o *corpus* em análise ratificou nossas hipóteses em relação à projeção do sujeito que, ocupando a tarefa de revisitar o passado, o reconstrói de maneira nostálgica. Além disso, como previsto, a informante, por ter apreço pelo diálogo, produziu muitos minutos de gravação de fala, os quais foram selecionados a fim de atenderem ao escopo desta pesquisa.

Assim, fica evidente que o “eu” – instituído na enunciação pelo sujeito que relembra fatos e histórias do seu passado por meio do discurso – projeta sua subjetividade por intermédio de adjetivos, advérbios, pronomes, usando as ferramentas da língua para lembrar fatos e construir os efeitos de sentido pretendidos, a fim de informar ou persuadir a documentadora. Esse efeito de imbricação entre a dimensão privada de suas memórias e a reconstrução da realidade instaurada deu-se na língua e pela língua, o que implica o caráter enunciativo intersubjetivo do discurso.

Portanto, podemos considerar que o texto ora analisado neste artigo sob o viés da enunciação benvenistiana, alicerçado na coleta de inquérito balizada pelos princípios de retextualização de Marcuschi (2010), corresponde aos objetivos do trabalho e corrobora as hipóteses firmadas.

Acreditamos, por fim, que esta breve análise ainda pode ser revisitada pelo viés benvenistiano no que diz respeito à constituição do sujeito e de sua subjetividade a partir de outros recortes, e/ou outros pontos de vista sob o mesmo *corpus*, dada a riqueza de informações contidas no material coletado. Além disso, a observação da constituição da memória coletiva e da manifestação da saudade no discurso do mesmo sujeito de pesquisa também desponta como uma possibilidade de observação em análises futuras.

The subjectivity in the nostalgic discourse: a case study

Abstract

Through the analysis, in the light of the enunciative theory (BENVENISTE, 2005, 2006) of a transcribed oral discourse, the objective is to investigate, through a case study in a corpus of spoken language, how the subject (woman,

80 years) object of analysis was projected as “I” using the language to construct subjectivity. In addition, the marks left in her discourse were observed that could configure her enunciation as a nostalgic account (JANKÉLÉVITCH, 2011). In this way, it was possible to perceive that in describing events through an “I” that said “I”, the speaker established subjectivity in her discourse. In addition, one can also confirm the presence of a “happy” nostalgia in the histories of the past which are recounted, since these did not show melancholy, but an idealization of a prosperous past longing for the present.

Keywords

Subjectivity. Enunciation. Nostalgia.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006a. p. 81-90.
- BENVENISTE, E. Estruturalismo e linguística. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006b. p. 11-28.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005a. p. 277-283.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005b. p. 284-293.
- BENVENISTE, E. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005c. p. 19-34.
- BENVENISTE, E. As relações de tempo no verbo francês. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005d. p. 260-276.
- FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- GILROY, P. *After Empire: melancholia or convivial culture?* London: Editora Routledge, 2004.
- JANKÉLÉVITCH, V. La nostalgie. In: JANKÉLÉVITCH, V. *L’irréversible et la nostalgie*. Flammarion: Champs essais, 2011.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.